

## Crimes do casamento e perversidade da narração em *Garota Exemplar*

Profa. Dra. Isabella Santos Mundim<sup>1</sup> (UEMG / FHA)

### Resumo:

*Um casal, Nick e Amy Dunne, prestes a celebrar cinco anos de casamento. Uma esposa que desaparece, sem deixar vestígios, no dia da celebração. Um marido que se torna o principal suspeito do crime tão logo a polícia inicia as investigações. Esses são os elementos que sustentam os começos da narrativa de Garota Exemplar, da norte-americana Gillian Flynn. Em capítulos que alternam os pontos de vista dos dois protagonistas e narradores Nick e Amy, Flynn desenvolve uma trama típica da literatura policial, que se transforma também, através de reviravoltas e estratégias narrativas diversas, em um estudo de personalidades desviantes e em um retrato de um casamento perverso que rompe com a categoria da normalidade. O presente trabalho propõe discutir exatamente tais questões, com foco na relação entre os artifícios literários que Flynn emprega e as representações de crimes, pecados e monstruosidades e de seus agentes que daí resultam.*

**Palavras-chave:** literatura policial contemporânea, estratégias narrativas, representação de crimes e personalidades criminosas

*Garota Exemplar* (*Gone Girl*, na edição em inglês), da autora norte-americana Gillian Flynn, começa com a descrição de um momento banal. Um homem, que o leitor vem a saber depois ser o protagonista Nick Dunne, abre os olhos, se dá conta das horas que o relógio registra, adia levantar-se enquanto ouve os sons que vêm da cozinha, onde sua esposa Amy prepara o café da manhã. Finalmente vai ter com ela, tomar parte na celebração que Amy organizou. Neste dia, em que o casal comemora cinco anos de casamento, Nick, mais uma vez, age tal qual quem quer fazer jus à ocasião, solícito, enamorado, feliz.

O cenário de suposto idílio, entretanto, não se sustenta. É ilusório desde o início. A começar pela própria epígrafe do livro, que serve de mote e dá apoio temático à história subsequente. Nesse fragmento de texto, o dramaturgo Tony Kushner define o amor nos seguintes termos: “O amor é a infinita mutabilidade do mundo; mentiras, ódio, até mesmo assassinato, tudo está atrelado a ele; é o inevitável desabrochar de seus opostos, uma magnífica rosa com um leve cheiro de sangue” (apud FLYNN, 2013). As referências a “mentiras”, “ódio”, “assassinato”, “cheiro de sangue” no contexto da definição desse sentimento específico não passam despercebidas.

Isto, em conjunto com aqueles instantes, no primeiro capítulo, em que o narrador-protagonista Nick abandona o relato da sua rotina matutina em favor de comentários e reflexão acerca da instituição do casamento em geral, e de seu casamento em particular<sup>1</sup>, despertam a suspeita de que o casal e o relacionamento em questão não correspondem à representação costumeira de um romance bem sucedido.

---

<sup>1</sup> A saber: “*No que você está pensando, Amy?* A pergunta que eu fiz com maior frequência durante nosso casamento, embora não em voz alta, não à pessoa que poderia responder. Suponho que essas indagações parem como nuvens negras sobre todos os casamentos: *No que você está pensando? Como está se sentindo? Quem é você? O que fizemos um ao outro? O que iremos fazer?*” (FLYNN, 2013, p. 11).

A suspeita se confirma, impreterivelmente, à medida em que a narrativa avança. Após o que ele descreve como um café da manhã comemorativo, Nick despede-se de Amy e segue para o trabalho. Lá, no bar de que ele e sua irmã Margot são donos, fica o dia inteiro. Só volta para casa à noite, relutante, para se deparar com uma situação preocupante: Amy desaparecera, sem deixar vestígios de seu paradeiro, e a sala de visitas transformara-se numa cena de crime. Diante disso, não demora muito para a polícia e a mídia – e o leitor também – elegerem Nick o principal suspeito do desaparecimento e provável assassinato da esposa, e para o que resta da ilusão de harmonia conjugal, ténue que seja, se desfazer. Daí em diante, *Garota Exemplar* toma ares de uma trama de mistério, com a investigação da “verdade” acerca do relacionamento do casal a servir de contraponto e complemento à investigação do desaparecimento de Amy.

Além de desenvolver uma trama típica de literatura policial, mais especificamente do thriller de suspense e mistério, repete-se aqui uma outra convenção desse gênero, qual seja, a narrativa transcorre na primeira pessoa, com foco no ponto de vista de um personagem que protagoniza a história ao mesmo tempo em que relata os acontecimentos de que participa (JAMES, 2012, p. 129-39). Tal se dá, particularmente, em muitas histórias protagonizadas por um detetive particular, a quem encarregam da investigação de um crime ou da solução de um mistério. Nelas, esse detetive – que trabalha incansavelmente para expor as hipocrisias e o desajuste de uma certa comunidade – detém a perspectiva a partir da qual a narração acontece, manifestando-se via um “eu” do discurso que organiza os elementos do universo ficcional.

O efeito é imediato. O detetive narrador-protagonista, cujos sentidos e sensibilidade traduzem a realidade para o leitor, é quem conduz a narrativa, em caráter de exclusividade. É com ele que o leitor se identifica; é pelo sucesso dele que o leitor torce; mais importante, é nele que o leitor confia. A versão que ele desfia dos eventos, nessas circunstâncias, é a única que importa e toma precedência sobre qualquer outra. Mesmo quando essa versão se revela, inevitavelmente, limitada e parcial, como de fato o é. Pois o detetive, porque ocupa o papel de herói da história, mantém um poder e credibilidade indiscutíveis. Até em face de equívocos e erros de julgamento que ele porventura possa cometer. Afinal, aos olhos do leitor, não resta dúvida de que a falibilidade desse narrador-protagonista advém do fato dele ser humano, em vez de advir de alguma falha sua de caráter.

Este não é o caso em *Garota Exemplar*. No livro, Flynn desenvolve sim a narrativa a partir da perspectiva de um protagonista, à maneira do que acontece em várias histórias de detetive, mas ela o faz através do olhar e da consciência de um personagem em quem não se deve confiar. Que Flynn se vale de um narrador não confiável não é evidente, de modo inegável, desde o começo da narrativa. O avançar da trama, todavia, coloca o leitor em estado de alerta. A princípio, qualquer contradição, qualquer omissão por parte de Nick quando ele registra e comenta o que vive e observa não despertam suspeitas. É próprio desse tipo de narrador, que não é dotado de ubiquidade temporal e espacial, contradizer-se às vezes, sofrer lapsos de memória ocasionalmente, cair vítima de suas limitações sensoriais e cognitivas de quando em quando (FERNANDES, 1996, p. 105-08).

Nick, no entanto, vai além. Ele mente efetivamente. Ao fim do terceiro capítulo, durante sua interação com a dupla de detetives (Jim Gilpin e Rhonda Boney) que investiga o desaparecimento de Amy, ele admite para o leitor que mentira para os dois segundos antes, quando confirmara haver feito reservas no melhor restaurante da cidade por ocasião do seu quinto aniversário de casamento. Mais grave, contudo, que a admissão dessa mentira aparentemente inofensiva, é uma segunda admissão acerca da quantidade de mentiras que já contara e que continuará a contar. O leitor, neste momento, sabe que Nick mentiu cinco vezes, que mentirá novamente mas, à exceção daquela mentira cujo conteúdo Nick expressamente confirmou, ele não tem certeza de nada. À vista disso, cabe ao leitor precaver-se e examinar, com cautela e desconfiança, muito do que Nick relata.

O desajuste – entre a narração de Nick e o(s) cenário(s) que o leitor é capaz de inferir – faz parte portanto da arquitetura do texto. Trechos que ilustram isto não faltam. Assim expressa-se Nick, por exemplo, enquanto o interrogam na delegacia, indo da descrição da ação à reflexão mesma sobre a experiência vivida:

Eu não sabia ao certo o que dizer. Procurei as falas na memória: **o que o marido diz a essa altura do filme?** Depende se ele é culpado ou inocente.

(...) Eu conhecia as estatísticas, conhecia-as do mesmo programa de TV no qual eu estava estrelando: se as primeiras quarenta e oito horas de um caso não dessem em nada, ele provavelmente ficaria sem solução. As primeiras quarenta e oito horas eram cruciais.

– Quer dizer, minha esposa sumiu. Minha esposa sumiu!

Percebi que **era a primeira vez que eu dizia isso da forma que tinha de ser dito:** em pânico e com raiva. Meu pai era um homem de infinitas variedades de amargura, raiva, desgosto. Na minha luta de toda uma vida para evitar ser como ele, **eu desenvolvera uma incapacidade de demonstrar qualquer emoção negativa.** Era outra coisa que fazia com que eu parecesse um cretino – **meu estômago podia estar cheio de enguias oleosas e você não saberia nada pela minha expressão, e ainda menos por minhas palavras.** Era um problema constante: **controle demais ou nenhum controle** (FLYNN, 2013, p. 59 – 60).

A cena segue. Os detetives lhe fazem mais perguntas. De novo, Nick narra o que acontece, esboçando o drama presente que o envolve, mas sem negligenciar aquelas intervenções em que ele recupera uma memória ou traduz um sentimento.

– (...) Neste momento, quanto mais você puder nos contar sobre sua esposa, melhor. Como ela é?

As **habituais frases de marido vieram à minha cabeça.** Ela é gentil, ela é ótima, ela é legal, ela me apoia.

– (...) fale sobre ela. (...) É... Não sei como dizer isso... Nova-iorquina? Do tipo que pode parecer rude a alguns? Do tipo que poderia irritar algumas pessoas?

– Não sei. Ela não é do tipo de pessoa que faz amigos para a vida toda, mas não é... agressiva o suficiente para que alguém queira... machucá-la.

Essa era **minha décima primeira mentira.** A Amy de hoje era **agressiva o suficiente para você às vezes querer machucá-la.** Falo especificamente da Amy de hoje, que só é remotamente parecida com a mulher com quem me apaixonei. Havia sido uma **medonha transformação de conto de fadas às avessas.** Em poucos anos, a antiga Amy, a garota da grande gargalhada e do jeito fácil, livrou-se dela mesma, uma pilha de pele e alma no chão, e dali saiu essa nova Amy, tensa e amarga. **Minha esposa não era mais minha esposa, mas um nó de arame farpado me intimando a desfazê-lo, e eu não estava à altura do trabalho,** com meus dedos grossos, insensíveis e nervosos. (...) Dedos não treinados para o intrincado trabalho de *resolver* Amy. Quando eu erguesse meus cotos ensanguentados, ela suspiraria e pegaria o secreto bloco de anotações mentais em que registrava todos os meus defeitos, para sempre anotando desapontamentos, fragilidades, falhas.

(...) **Ela não era a coisa na qual se transformou, a coisa que eu mais temia: uma mulher com raiva. Eu não era bom com mulheres com raiva. Elas despertavam em mim algo repulsivo** (FLYNN, 2013, p. 60 - 61).

Nesses trechos, Nick confia parte de seus (supostos) segredos ao leitor. Na expectativa de angariar sua simpatia e transformá-lo num cúmplice seu, o narrador-protagonista dá a conhecer coisas que o atormentam, divulga impressões e pensamentos que o envergonham revelar. Independente dessa revelação relutante configurar ou não uma performance, a narração de Nick articula-se de tal maneira que ela pode sustentar interpretações que, se não o escalam, necessariamente, no papel de culpado da prática do crime, pelo menos sinalizam a possibilidade de que ele é desonesto e planejou enganar, desde sempre, quem acompanha o seu relato.

Essa condição de ambiguidade, esse sentido de incerteza e ambivalência ganham proeminência ainda maior quando analisa-se a narração de Nick à luz do diário que Amy deixa para trás. Outra narrativa que assume a forma de relato na primeira pessoa, esse diário abrange um período de sete anos e traz, desde um registro do dia em que Amy conheceu Nick até uma última anotação, que remonta à semana anterior ao desaparecimento dela. Essas páginas, que sucedem cada um dos momentos em que Nick realiza a narração, representam outras novas pistas para o leitor e vão ajudá-lo no seu exercício de interpretação e decifração do texto.

Logo, esse relato pessoal de Amy constitui, ele também, tanto quanto o relato subjetivo de Nick, um dos cerne que sustentam a história. Contrariamente ao relato masculino, porém, que perde credibilidade conforme os acontecimentos se desenrolam, a narração de Amy só faz crescer em verossimilhança, com cada registro que ela deitou no papel soando intuitiva e progressivamente verdadeiro. Uma hipótese: tal ideia – de que aquilo que Amy narra se assemelha à realidade da situação do casal – decorre do fato de ela se manifestar via a escrita de um diário íntimo, ou seja, uma narrativa marcadamente confessional.

Nos moldes desse tipo de narrativa, Amy faz crer então que ela se conduz com sinceridade absoluta enquanto escreve, enquanto recompõe, reconstrói e reelabora o vivido. Isto porque o diário, na sua concepção, não se prevê como uma obra destinada à publicação. É um texto sem destinatário, um texto cuja razão de ser é proporcionar a quem o produz um espaço para expor seus sentimentos, emoções e idiossincrasias sem constrangimento, a salvo de qualquer censura ou retaliação e, por isso, um texto que, geralmente, não inclui a mentira. Companheiro e cúmplice do encarceramento da mulher quando do seu surgimento e confidente fiel e discreto dela até hoje, o diário admite toda sorte de experiências, desde a mais vergonhosa ou degradante até a mais positiva, sem prejuízo à veracidade do registro (VIANA, 1995, 52-83).

Daí Amy ser capaz de persuadir o leitor de que a sua versão dos eventos é plausível, de que o romance que ela e Nick viveram deteriorou da maneira como ela descreve, de que o casamento dos dois, durante os últimos meses de convivência, perverteu-se de tal conta a ponto de envolver infidelidade (que a narração de Nick confirma) e violência doméstica. Além do teor verossímil e convincente do que Amy assinala no diário, muito do que ela conta vem para conferir outro(s) sentido(s) ao relato de Nick. O que era, numa primeira leitura, ato falho da narração ou tropeço da memória converte-se, nesse contexto, num indício da culpa de Nick, numa prova incontestável do seu mau-caráter. A ver, o que acontece quando o leitor interpreta as declarações de Nick – de que “no [seu] porão-barriga, há centenas de garrafas de fúria, desespero, medo, mas você nunca diria isso ao olhar para [ele]”, de que ele oscilava entre controle total e controle nenhum, de que o tipo de mulher em que Amy se transformou despertava nele algo repulsivo (FLYNN, 2013, p. 48) – diante do cenário de abandono afetivo e de agressão que o diário dramatiza.

Na anotação de 15 de fevereiro de 2012, Amy captura a memória do que viveu em detalhes vívidos. Ela inicia com a altercação verbal, que logo escala para a altercação física. Descreve o empurrão que sofreu, que a levou ao chão. Mais esclarecedor: descreve o instante em que se deu conta de que Nick configurava, realmente, uma ameaça; o instante em que percebeu que “a

expressão em seu rosto (...) [era a de quem] se controlava para não dar outro golpe. Quanto queria empurrá[-la] novamente. Quão difícil foi não fazê-lo” (FLYNN, 2013, p. 218). Isso, mais a anotação derradeira, em que Amy anuncia a sua gravidez bem como o seu receio relativo à reação de Nick, não deixam dúvidas, presumivelmente, quanto à solução dos mistérios – tanto o conjugal, quanto o criminoso e o narrativo. O marido é, tudo indica, o culpado: culpado do caso extraconjugal que destruiu o casamento, culpado do desaparecimento e assassinato da esposa traída, culpado da narração fraudulenta.

O que vem a seguir, entretanto, coloca muitas dessas certezas em questão. À narração de Nick e às anotações em diário de Amy, junta-se a narração de Amy propriamente dita, “não a Amy do Diário, que é uma obra de ficção (...), mas [ela], a Verdadeira Amy” (FLYNN, 2013, p. 242). Expressando-se, feito Nick o faz, na primeira pessoa, essa Amy toma as rédeas da parte da narrativa que lhe cabe de direito. A partir de então, traduz o que lhe acontece e aconteceu mediante uma sensibilidade, um olhar e uma voz que são genuinamente suas; relata, sem pudores, suas emoções e pensamentos, até os mais terríveis; mostra-se tal qual é, na convicção de que tem todos – o leitor inclusive – à sua mercê e não precisa temer o enfrentamento do público.

Difícil lhe tirar a razão. Afinal de contas, a narradora-protagonista, mais do que seu equivalente (o marido narrador), adota uma perspectiva narrativa envolvente e artilosa, propícia a despertar o interesse e o fascínio do leitor. Além da construção, para o mundo exterior, de uma imagem de mulher “afável, embora um tanto ingênuo, uma mulher que amava seu marido e podia ver algumas de suas falhas (...), mas era sinceramente devotada a ele” (FLYNN, 2013, p. 259), uma mulher capaz de cativar a afeição alheia, Amy desvela também uma personalidade maquiavélica, típica de alguém cuja psicologia rompe com a categoria da normalidade. Tão engenhosa quanto perversa, Amy é uma personagem que seduz e repele em igual medida, que provoca horror ao mesmo tempo em que fomenta admiração. Isto é especialmente evidente nos momentos em que ela expõe a lógica do seu plano:

Sempre achei que eu poderia cometer o assassinato perfeito. As pessoas que são pegas são pegas porque não têm paciência; elas se recusam a planejar.

(...) Nick sempre debochou de minhas listas intermináveis (“É como se você garantisse que nunca está satisfeita, que sempre há algo mais a ser aperfeiçoado, em vez de simplesmente aproveitar o momento.”) Mas quem vence, aqui? Eu venço, porque minha lista, a lista mestra intitulada *Foder Nick Dunne*, era rigorosa – a mais completa e meticulosa lista que já foi concebida. Nela havia *Escrever anotações de diário de 2005 a 2012*.

(...) Cento e cinquenta e duas anotações no total e acho que nunca perdi o tom. Eu a escrevi com muito cuidado, a Amy do Diário. Ela é concebida para conquistar os policiais, conquistar o público caso trechos sejam divulgados. Eles precisam ler esse diário como se fosse uma espécie de tragédia gótica. Uma mulher maravilhosa, de bom coração – *com toda a vida pela frente, tudo a seu favor*, o que quer que digam mais sobre mulheres que morrem –, escolhe o parceiro errado e paga um grande preço. Eles têm de gostar de mim. Dela (FLYNN, 2013, p. 257 - 60).

Uma coisa é certa: são poucas as pessoas – mulher ou homem – capazes de levar à cabo tal empreitada. Aqui, as palavras de ordem são astúcia, premeditação, malevolência. Desejosa de vingança e confiante na impunidade, Amy arquiteta um golpe que exige paciência, inteligência e, sobretudo, crueldade descomunais. Produzir uma simulação de diário que tem de passar por autêntico; convencer familiares e amigos, convencer particularmente a polícia e a mídia da culpa de Nick; incriminar o marido por um crime que ele não cometeu; certificar-se de que ele vai saber que

o tormento que ele vive é obra dela são (re)ações de alguém cujo coração e mente configuram-se diferentes, desviantes por certo, monstruosas talvez.

Esse desvio e essa monstruosidade “contaminam”, em grau diverso, outros aspectos da narração. Incipiente no relato de Nick quando ele primeiro conta a história, essas qualidades imiscuem-se na voz dele, no seu léxico e sintaxe, desde o instante em que ele constata que caiu vítima de uma armadilha. A partir daí, ciente da realidade da sua situação, ele luta ferozmente contra o sistema criminal e a opinião pública, valendo-se de um arsenal de armas tão fatais quanto as de que Amy dispõe e usando de todo artifício, reprovável que seja, para incitá-la a sair do seu esconderijo. Nisto – nesta perversidade que subjaz a narração ora do marido, ora da esposa – consiste o “encanto maligno” de *Garota Exemplar*. Mais importante do que solucionar quaisquer mistérios, pois, é dizer da relação do casal e das personalidades que a ensinaram, dizer do que é da natureza dos dois que informa o texto de Flynn.

Finalmente, esses relatos pessoais – raramente coincidentes, frequentemente dissidentes e até contraditórios – e que se alternam no decorrer da narrativa, constituem, cada um, uma parte significativa do todo que é o livro. Conseqüentemente, o ponto final que encerra os mistérios não sinaliza uma resolução definitiva. As versões da “verdade” que Amy e Nick elaboram, se/quando tomadas em conjunto, formam sim um mosaico, mas um daqueles em que as cores e as formas não se resolvem nem numa imagem de felicidade, nem num retrato dos acontecimentos que ordena o caos e harmoniza o mundo. Antes, resolve-se numa imagem que aproxima-se dum pesadelo, um retrato de cárcere emocional ao qual Nick confina a si próprio e a esposa:

**Amy era tóxica, mas eu não conseguia imaginar um mundo (...) livre dela. Quem eu seria sem Amy a quem reagir?** Porque ela estava certa: como homem, eu havia sido o mais impressionante quando a amava – e fui o segundo melhor quando a odiei. (...) Já me imaginara com uma mulher comum (...) e já me imaginara contando a essa mulher comum a história de Amy, a que ponto ela tinha chegado para me punir e voltar para mim. (...) E já sabia que uma parte de mim estaria olhando para ela e pensando: *Você nunca assassinou por mim. Você nunca me incriminou. Você nem sequer saberia como fazer o que Amy fez. Você jamais poderia se importar a esse ponto.* (...) **Não havia mais opções que me interessassem.**

(...) Porque posso senti-la me mudando mais uma vez: eu era um garoto imaturo, depois fui um homem, bom e mau. Agora finalmente sou o herói. Sou aquele por quem torcer na interminável história de guerra de nosso casamento. É uma história com a qual posso conviver. Caramba, **a esta altura não consigo imaginar minha história sem Amy. Ela é minha eterna antagonista.**

**Somos um longo clímax assustador** (FLYNN, 2013, p. 424 – 441).

## Referências Bibliográficas

- 1] FERNANDES, Ronaldo Costa. *O narrador do romance: e outras considerações sobre o romance*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.
- 2] FLYNN, Gillian. *Garota Exemplar*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.
- 3] JAMES, P. D. *Segredos do romance policial*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- 4] VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Ed.

**XIII Congresso Internacional da ABRALIC**  
*Internacionalização do Regional*  
**Campina Grande, PB**

**08 a 12 de julho de 2013**

UFMG, 1995.

**XIII Congresso Internacional da ABRALIC**  
***Internacionalização do Regional***  
**Campina Grande, PB**

**08 a 12 de julho de 2013**

**i Autor**

Profa. Dra. Isabella Santos MUNDIM  
Fundação Helena Antipoff (UEMG / FHA)  
isabsm@globo.com